

A DIMENSÃO RETÓRICO-POÉTICA DA
HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA EM UMA
CRÔNICA JORNALÍSTICA DE MACHADO DE ASSIS

*The Rhetorical-Poetic Dimension of
Enunciative Heterogeneity in a Journalistic
Chronicle of Machado de Assis*

Ivanete Bernardino Soares*

1. A ALTERIDADE COMO OBJETO DE ANÁLISE NOS ESTUDOS DISCURSIVOS

Há quase trinta anos, Jaqueline Authier-Revuz já atestava o crescente interesse pelo estudo dos desdobramentos do sujeito na atividade comunicativa. Em artigo inaugural sobre o tema, a pesquisadora propõe alguns procedimentos de análise com o objetivo de identificar e interpretar as formas linguísticas e discursivas que inscrevem a voz do “outro” na sequência discursiva assumida por um sujeito. A partir desse trabalho, a complexidade enunciativa, que envolve a diversidade de aparições de vozes no enunciado de um sujeito, ficou conhecida como “heterogeneidade enunciativa”.

No campo de estudos da linguística da enunciação, a consideração da subjetividade como elemento constituinte do enunciado tem suas raízes mais evidentes em Émile Benveniste (2005), para quem o sujeito tem uma posição privilegiada no quadro teórico. Por mais disperso que esteja na própria enunciação, o sujeito deixa marcas linguísticas que evidenciam sua presença, identidade e posicionamento diante do dito. Nesta linha teórica,

* UFMG.

podemos citar também Oswald Ducrot (1987) que, com sua “teoria polifônica da enunciação”, corroborou para a estabilização da noção de sujeito de linguagem fragmentado.

Não obstante a importante contribuição desses autores, o fundamento teórico mais significativo para a abordagem da heterogeneidade enunciativa pelos estudos discursivos foi retomado de Mikhail Bakhtin (1998, 1997) por meio das noções de dialogismo e polifonia. Apesar de próximas, tais noções não são intercambiáveis. A primeira pode ser definida como o princípio constitutivo de todo enunciado, já que este é tomado como a unidade da comunicação verbal. Segundo Bakhtin, o “outro” intervém na constituição do sujeito de linguagem na medida em que a imagem deste último se constrói a partir da visão que tem dele o seu interlocutor. Quanto ao fenômeno da polifonia, este pode ser definido como a presença de vozes polêmicas, mas não necessariamente contraditórias, em um enunciado. Neste sentido, cada uma dessas vozes estaria filiada a consciências autônomas e independentes, exibindo-se paralelamente à voz do locutor, e mesmo à revelia deste. Assim, é possível haver tanto enunciados dialógicos e polifônicos, quanto enunciados dialógicos e monofônicos.

No campo específico de pesquisa em Análise do Discurso, a reflexão sobre o comportamento linguístico do sujeito diante da heterogeneidade constitutiva de sua enunciação perpassa a maioria das análises, independentemente dos objetivos particulares das pesquisas. Nesta linha, inscrevem-se também os estudos sobre o tema da heterogeneidade discursiva de Dominique Maingueneau. Diante da variedade teórica e metodológica que, atualmente, atende pela denominação de “Análise do Discurso”, o autor determina com mais exatidão a sua filiação teórica, esclarecendo que esta corresponde, especificamente, à “escola francesa de análise do discurso”, sob a influência do filósofo Michel Foucault. A escolha por essa abordagem gera implicações em relação ao objeto de estudo privilegiado, que passa a se constituir pelas “formações discursivas” nas quais os sujeitos interagem em uma dada conjuntura. De acordo com Maingueneau,

... não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis (1997, p. 14).

O autor estende a validade desta abordagem também com relação ao fenômeno discursivo da heterogeneidade, afirmando que cada formação

discursiva possui um sistema próprio de restrições que determinam o modo como o sujeito fará uso do discurso alheio.

Partindo desses pressupostos, neste artigo, serão consideradas as abordagens a respeito da heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz (1982, 1990, 2004) – por retomar os estudos de Bakhtin, Benveniste, Ducrot, dentre outros – e também de Dominique Maingueneau (1997). Este último, por dois motivos principais: (1) por apresentar uma explanação metodologicamente operatória e, (2) por entendermos que: embora o sujeito, de maneira geral, esteja condicionado às restrições da formação discursiva, ele possui também um espaço de manobra consciente e estratégico a partir do qual pode escolher a função de um uso específico de heterogeneidade discursiva. Entendemos, ainda, que as restrições atuantes sobre o comportamento linguístico do sujeito e as liberdades formais que lhe estão disponíveis se relacionam em maior medida com o gênero discursivo acionado do que com a formação discursiva e institucional.

De acordo com Maingueneau (1997), a heterogeneidade pode ser categorizada como “constitutiva” e “mostrada” (1997, p.75-126). A primeira corresponde à presença não marcada linguisticamente da alteridade discursiva funcionando como o princípio constitutivo de todo e qualquer discurso. A heterogeneidade constitutiva revela a natureza essencialmente dialógica do enunciado e põe em cheque a imagem do sujeito inteiro que seria a fonte única de sua própria enunciação. De acordo com Authier-Revuz (2004), sob as palavras de um sujeito, “outras” palavras sempre são ditas e estas são condições fundantes do discurso assumido. A fim de dar conta do comportamento discursivo deste sujeito fragmentado, a autora se vale da perspectiva da psicanálise por meio da releitura, realizada por Lacan, dos postulados de Freud, evidenciando, a partir daí, os tipos de apropriação relativamente inconscientes dos discursos do “outro”, manifestados na fala de um sujeito.

Para melhor evidenciar a dimensão estratégica do uso da heterogeneidade, objetivo maior deste artigo, a atenção estará voltada preferencialmente para a aparição da heterogeneidade mostrada em detrimento da constitutiva, por isso as reflexões sobre a noção de sujeito da psicanálise não entrarão nesta análise.

Para desenvolver o argumento proposto aqui de que o uso da heterogeneidade mostrada pode obedecer a interesses retórico-poéticos, será considerada também a estreita relação existente, a nosso ver, entre o gênero discursivo e as formas de inscrição do outro no discurso. Consideramos que, mais do que refém da formação discursiva a que pertence, as formas de heterogeneidade estão sujeitas às possibilidades oferecidas pelo gênero discursivo (com suas restrições e liberdades) por meio do qual se materializam.

2. (IN)COMPATIBILIDADE ENTRE HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA E ESTRATÉGIA RETÓRICA

Simplificando um pouco, o conceito de formação discursiva adotado por Maingueneau pode ser sintetizado como o lugar da construção de sentidos em função de determinações a respeito do que pode e deve ser dito a partir da posição histórica ocupada por um sujeito. Embora muito utilizada em suas obras, Maingueneau (2006) admite que a noção é pouco precisa e de difícil delimitação, o que, segundo ele, não deve comprometer a análise:

Eu propus restringir o emprego dessa noção [formação discursiva] a certas “unidades”; assim, quando falamos de “discurso patronal”, “discurso racista”, “discurso da publicidade para as mulheres”, etc., o termo formação discursiva seria útil. De fato, trata-se de corpora que transpassam os gêneros ou os tipos de discurso, e que o pesquisador pode constituir bastante livremente em função de suas hipóteses de pesquisa. ... ao fim das contas, é um problema de terminologia: cada um pode empregar “formação discursiva” como bem entende, com a condição de que haja uma proposta bem clara de definição (2006, p. 2-3).

Maingueneau, em consonância com Authier-Revuz, defende que, mais importante que delimitar uma formação discursiva, investigando suas especificidades e funcionamento isolado, é analisar as relações dialógicas entre as diversas formações discursivas. Para ele, a análise deve privilegiar o espaço do interdiscurso (1997, p. 111)¹, já que a identidade de um discurso se constrói apenas na relação com o “outro”.

De acordo com Maingueneau (2008), cada formação discursiva apresentaria um sistema próprio de restrições que definiria e determinaria, dentre outros aspectos: o estatuto que o enunciador deve conferir a si e a seu destinatário, a cena e a cronologia (dêixis) e o modo ou tom da enunciação. Apenas este último estaria relacionado ao gênero utilizado dentro de uma formação discursiva: “Convencionaremos chamar de *gênero discursivo* a essa vertente tipológica, formal do modo de enunciação” (2008, p. 90).

Ao tratar do discurso relatado como uma das formas de heterogeneidade mostrada, Maingueneau reafirma a força determinante do sistema de

¹ A fim de tornar operacional a noção de formação discursiva, Maingueneau sugere três categorias complementares e compósitas entre si: (1) o *universo discursivo*, que seria o conjunto de todas as formações discursivas possíveis em uma dada conjuntura; (2) dentro deste último conviveriam *campos discursivos* compostos de formações discursivas concorrentes e (3) duas ou mais formações discursivas, que mantêm relações privilegiadas, constituiriam o *espaço discursivo*.

restrições, próprio da formação discursiva em que o enunciado do outro será citado. O autor exclui qualquer relação com uma possível dimensão retórica, já que o sujeito teria pouca liberdade para escolher a fonte e a maneira de citação, este é o primeiro ponto sobre o qual orientaremos nossa atenção:

A partir do momento que se trata de formações discursivas, **toda concepção retórica da citação é inadequada**. O sujeito que enuncia a partir de um lugar definido não cita quem deseja, como deseja, **em função de seus objetivos conscientes**, do público visado, etc. são as imposições ligadas a este lugar discursivo que regulam a citação (MAINGUENEAU, 1997, p. 86, grifos nossos)

Como sinalizamos anteriormente, apesar de reconhecermos o efeito coercivo das formações discursivas, a consideração da influência exercida pelas características e regularidades dos variados gêneros que as compõem seria suficiente para relativizar a afirmação de Maingueneau. Assim, apenas como exemplo, os gêneros de composição criativa, como os publicitários ou os literários de maneira geral, podem fazer – e frequentemente o fazem – uso retórico de uma citação, do metadiscurso, do discurso direto, indireto ou indireto livre, dentre outros, em função de objetivos conscientes e efeitos pretendidos. Além disso, o potencial transgressivo de muitos desses gêneros está, exatamente, em se apropriarem de enunciados não convencionais à sua formação discursiva, isto é, nestes casos, o sujeito cita “quem deseja, como deseja, em função objetivos conscientes, do público visado etc.”.

Ainda para Maingueneau, e este é o segundo ponto sobre o qual pretendemos refletir, a “maneira de dizer” dentro de uma formação discursiva é determinada *a priori* pelo seu sistema de restrições, deixando uma pequena, ou nenhuma, margem de manobra para os sujeitos inseridos nela. Ao tratar do fenômeno que denomina de “incorporação”, isto é, o caráter e a corporalidade associados ao “tom” assumido pelo discurso, Maingueneau sentença: “Trata-se, então, de algo completamente diferente de um dispositivo retórico pelo qual o autor ‘escolheria’ o procedimento mais de acordo com o que ele ‘quer dizer’” (2008, p. 93).

Mais uma vez, pensamos que em gêneros formalmente mais instáveis, independente da formação discursiva a que estejam vinculados, o “tom” assumido pelo discurso (e aí poderíamos acrescentar as noções de *ethos* discursivo e estilo) pode variar (e na maioria das vezes variam) de acordo com as intenções e projetos estéticos e persuasivos.

A partir deste ponto de vista, pretendemos desenvolver a análise de um exemplar de gênero criativo, que se configura entre o discurso jornalístico e o discurso literário, com o propósito de investigar a natureza

funcional da heterogeneidade enunciativa presente e o seu possível emprego retórico-poético.

Antes, porém, procederemos a uma rápida apresentação da noção de gênero sustentada aqui.

3. A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA DE GÊNERO: ÊNFASE NA RELATIVIDADE COMPOSICIONAL

Partindo de uma perspectiva teórica e analítica voltada para o ensino, John Swales (1990) destaca o aspecto estratégico do emprego consciente dos gêneros. O autor defende que o ensino deve privilegiar o desenvolvimento da capacidade criativa do usuário, a fim de que possa manipular sua forma estrutural conforme seus propósitos comunicativos. Apesar de controverso e reformulado pelo próprio autor, o conceito de propósito comunicativo seria o critério privilegiado no processo de análise de gêneros, o que evidencia sua abordagem notadamente funcional e retórica. Em livro emblemático sobre o tema, Swales assume a proposição de que “um gênero consiste em uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham um conjunto de propósitos comunicativos² (1990, p. 58)”. Em artigo posterior, John Swales e Inger Askehave lembram ainda que

... uma abordagem puramente formal logo se choca com usos bem difundidos na sociedade contemporânea, tais como o humor genérico, a personificação, a paródia, o pastiche e a sátira. [...] é difícil evitar o reconhecimento de que suas [dos gêneros] ‘reacentuações’ (ou a reutilização reflexiva de fragmentos textuais para propósitos diferentes) são comuns em literatura, jornalismo, publicidade, política e similares (2009, p. 236).

Nesta mesma direção, o pesquisador Vijay K. Bhathia (1993) reforça o valor metodológico da consideração dos propósitos comunicativos de um gênero em função de uma situação retórica específica. Bhathia comenta o caráter contraditório das teorias contemporâneas sobre o assunto que ora tendem a considerar o gênero como um constructo fixo e institucionalizado, possuidor de uma “integridade genérica”, ora o veem como naturalmente inclinados à flexibilidade formal e inovação, de acordo com as mudanças

² Tradução livre de: “A genre comprises a class of communicative events, the members of which share set of communicative purposes.”

históricas e sociais de uma dada conjuntura. Ao comentar a ocorrência cada vez maior de gêneros híbridos no meio acadêmico e profissional, aumentando o valor da criatividade como elemento distintivo do gênero, Bhatia afirma que “a noção de criatividade é a própria essência da definição dos gêneros” (2009, p. 171).

A rápida menção a estes autores se justifica pelo interesse, deste trabalho, em explicitar a concepção teórica de gênero fundada no reconhecimento de sua dimensão retórica e social que, embora condicionado por certas restrições do domínio discursivo, oferece ao sujeito a possibilidade estratégica de combinar e remodelar as características genéricas com o propósito de realizar com êxito uma interação comunicativa.

4. O GERENCIAMENTO DA HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA NA CRÔNICA

Para melhor demonstrar a reflexão feita até aqui, passaremos à análise de uma crônica jornalística de Machado de Assis publicada na *Gazeta de Notícias* em 26 de janeiro de 1889, pertencente à série “Bons Dias!” (2008, p. 223-225). O objetivo é identificar as formas da heterogeneidade mostrada e analisar sua função na composição do gênero.

Com o propósito de identificar a organização de vozes presentes nesta crônica, ela será considerada em função de seu suporte e contexto originais, e não por meio de sua apreensão posterior em livro, com os deslocamentos consequentes. Esta escolha é significativa para a análise e justificada pelo fato de que a atualização dos índices de heterogeneidade enunciativa exigirá a atualização de vozes marcadas historicamente. Ou seja, se no veículo de origem, a crônica é apreendida pelo leitor como sendo mais um segmento dentro de um conjunto maior de segmentos variados que compõem o jornal (*fait divers*, anúncios, propagandas, capítulos de romance, poesias etc.), então devemos necessariamente levar em consideração o fato de que o ato de sua produção incorpora as condições de sua veiculação e recepção.

Apenas para reforçar as razões desta escolha, lembremos que uma das funções prototípicas da crônica é a remissão a fatos da semana, apresentando uma síntese bem humorada dos acontecimentos mais significativos (ou pelo menos assim percebidos pelo cronista, e projetados como sendo de interesse do leitor). Dessa forma, a alteridade constituinte de uma crônica, marcada linguisticamente ou não, possui uma delimitação temporal e espacial bem definidas.

Passemos então ao texto em análise. O tema geral da crônica em questão refere-se à febre amarela, que naquele ano (1889) ganhava contornos

de epidemia no Rio de Janeiro. Paralelamente a este tema, e em consonância com a estrutura tipicamente fragmentada da crônica, há a menção da resistência de alguns grupos do interior à organização do Registro Civil, além da referência ao sorteio de nomes para o serviço militar.

Com relação à presença da “heterogeneidade mostrada”, podemos perceber várias das marcas polifônicas categorizadas por Maingueneau, como a citação de autoridade, a intertextualidade, o discurso indireto, o uso do itálico e das aspas, a alusão, o provérbio e o metadiscorso, incluindo a parafraseagem.

Para começar, a crônica é ilustrativa também de uma espécie de “teoria particular” do recurso da citação, assunto que o narrador desenvolve nos dois primeiros parágrafos. Em tom de gracejo, inicia o texto afirmando que a citação latina *Sanitas sanitatum et omnia sanitas* é de sua autoria, para em seguida esclarecer o sentido paradoxal desta afirmação: “**quero dizer**, é meu no sentido de ser de outro” (grifo nosso). A citação fora copiada, na verdade, de um jornal inglês.

Já neste ponto, é preciso aproximar, por um lado, a teorização realizada por Maingueneau a respeito da parafraseagem, isto é, dos mecanismos de reformulação do dito, e, por outro, a variedade de ocorrências reais, cujo fragmento da crônica é exemplo.

Para o linguista francês, o recurso à parafraseagem se explica por uma necessidade do falante de “controlar a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso” (1997, p. 96). Segundo ele, o marcador parafrástico é um meio de superar um “obstáculo comunicativo” e “restituir uma equivalência preexistente” (1997, p. 96). Além disso, afirma que esse recurso deve ser considerado pelo analista como resultado de coerções da formação discursiva a qual está vinculado, sendo impertinente sua percepção como estratégia interativa.

No fragmento mencionado da crônica, no entanto, não parece haver uma equivalência “preexistente” entre os sintagmas “é meu” e “é de outro” que compõem as extremidades da paráfrase; nem o recurso à parafraseagem parece socorrer um problema ou obstáculo comunicativo. Ao contrário, a quebra de expectativa parece ser deliberada, com o propósito de causar um efeito de estranhamento e provocar curiosidade e interesse pela leitura do texto.

Dando prosseguimento a sua “teoria particular”, o narrador da crônica esclarece:

Achei esta paródia de *Eclesiastes* em artigo de crítica de uma folha londrina. [...] A parte minha nesse negócio é aplicar melhor a frase, porque lá só trata de um livro, e cá tratamos da cidade inteira. [...]

já alguém afirmou que citar a propósito um texto alheio equivale a tê-lo inventado. Creio que é tolice, mas fiado nela, é que ousei dizer a princípio que a paródia era minha (ASSIS, 2008, p. 223)

Sob este ponto de vista, a citação do discurso do “outro” em circunstâncias novas e adequadas é suficiente para torná-la sua, convertendo-a em criação original e própria. Esta seria, a propósito, uma teoria coerente com os postulados da Análise do Discurso, que defende uma abordagem metodológica que privilegia as condições de produção no processo de determinação do sentido produzido por uma interação. Assim, uma enunciação nunca se repetiria, já que será sempre materializada por sujeitos, tempo e espaço diferentes.

Voltando a este mesmo fragmento da crônica, mas agora identificando o emprego efetivo do recurso comentado pelo narrador, nota-se que o uso da citação latina está relacionado com a escolha temática da crônica. A citação parodiada do livro de *Eclesiastes* (cap. I, vers. 2) corresponde a *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*, habitualmente traduzido como “Vaidade das vaidades, é tudo vaidade!”. Com a troca entre as consoantes “v” e “s” pelo jornal inglês, a expressão passa a equivaler à “saúde das saúdes, é tudo saúde”. Evidentemente, no contexto carioca da febre amarela, representado pela crônica, onde “Tudo quer, tudo pede, tudo deseja a saúde” (ASSIS, 2008, p. 223) a “citação da citação”, isto é, a citação de uma paródia do texto bíblico, é resignificada de acordo, novamente, com propósitos conscientes e claramente argumentativos quando considerada a dimensão estética do gênero. A citação, assim resignificada, traduz, inclusive pelo “tom”, um clamor geral por saúde, que correspondia a uma preocupação geral da época, especialmente entre os cariocas, principais leitores da crônica. Assim, a citação satisfaz a uma necessidade projetada do público visado, que, em última instância, apelava para Deus na intenção de conservar-se a salvo de um flagelo, do qual não se sabia a origem nem a prevenção adequada.

Como já mencionado anteriormente, ao analisar o recurso da citação de autoridade, Maingueneau sustenta que “toda a concepção retórica da citação é inadequada” visto que esta se trata de um efeito coercitivo das formações discursivas.

Na crônica machadiana, podemos perceber, em contrapartida, o artifício engenhoso do narrador que invoca a voz diluída dos “abalizados” para confirmar a ausência de informações sobre a febre amarela. Sua natureza estratégica torna-se evidente no fragmento seguinte, legitimando e valorizando sua própria definição da doença, definição puramente ficcional e lúdica. Ao desencadear a metáfora de personificação da enfermidade (“velha

dama”), reforça o caráter pessoal de autoridade no assunto, afirmando que se apoia no estudo da genealogia:

Não é bonita, nem graciosa, **nem se sabe quem seja, conforme dizem os abalizados**. Eu creio, **no tocante à genealogia**, que é neta em quadragésimo grau do famoso Gargantuá. Come que é o diabo, e dá muito de comer à empresa funerária, a qual, devendo detestá-la, pelo lado humano, não pode desadorá-la por outro lado, não menos humano (ASSIS, 2008, p. 223-224, grifos nossos).

Aproveitando a transcrição, pode-se evidenciar outra forma de “heterogeneidade mostrada” atualizada pela intertextualidade. Já presente desde o início da crônica, através da relação intertextual com o livro do *Eclesiastes* e com o jornal inglês. No último trecho citado, fica evidente a intertextualidade com a obra de François Rabelais, *Gargântua*, por meio da relação assinalada entre a febre amarela “que come que é o diabo” e o personagem homônimo da obra de Rabelais, o gigante glutão.

Na mesma linha de intertextualidade, é igualmente bem marcada a conexão entre a citação do provérbio francês “*tout finit par des chansons*”, que pode ser traduzido por “e tudo fica na mesma”, ou pelo abasileirado “e tudo acaba em pizza”. A origem do provérbio remete à comédia de Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais intitulada *O casamento de Fígaro*, e corresponde literalmente à última frase da peça. Além de reportar ao texto teatral, intertexto evidente, a presença do provérbio funciona como uma manifestação indiscutível de heterogeneidade enunciativa, já que representa, segundo Mainguenaueau, a “retomada de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio” (1997, p. 101). O linguista lembra que “por essência” este tipo de enunciado cristalizado não pode ser resumido, nem reformulado. Em um gênero de estrutura maleável, tolerante a remodelações criativas, como no caso da crônica, a “essência” é exatamente oposta, ou seja, o provérbio é potencialmente propício à inventividade do sujeito que dele se apropria. Na crônica em análise, em uma mesma sequência textual, o narrador subverte o provérbio aclimatando-o ao contexto brasileiro: “Seja ela (a febre) o que for, é certo que, assim como em França *tout finit par des chansons*, cá em nossa terra *tout finit par des polcas*.”

Outra consideração, ainda a respeito desta passagem, faz-se necessária: a escolha pelo provérbio não é arbitrária ou casual, está estreitamente relacionada com o tema desenvolvido em todo o segmento, funcionando como um elemento de coesão entre assuntos fragmentados. No curto quinto parágrafo da crônica, o narrador relata: (1) um posicionamento (impassível) diante da ação da febre amarela; (2) o prosseguimento dos eventos sociais

(bailes) e (3) o recente costume de inclusão de música profana nos repertórios de igrejas católicas. Além de fazer referência ao tango e à polca (cuja alteridade cultural é marcada pelo itálico³), estilos musicais e de dança introduzidos no Brasil na segunda metade do século XIX, de grande aceitação popular (DOURADO, 2004, p. 258; 323-324). Assim, o uso do provérbio, neste fragmento, atende a uma necessidade de ajustamento composicional e estilístico do gênero crônica.

Ainda como exemplo de intertextualidade, podemos mencionar o diálogo naturalmente estabelecido entre a crônica e as demais notícias jornalísticas que convivem no mesmo espaço. A marca mais explícita deste tipo de intertextualidade é o relato da reação de algumas pessoas do interior à formalidade do registro civil. O narrador assim publica seu comentário sobre o fato:

O pior é a formalidade do registro civil. Lá pelo interior parece que não o querem, pois que centenas de homens e mulheres, em várias localidades, têm pegado no pau, avançado para os escrivães, arrancado os livros do registro que são rasgados depois em praça pública (ASSIS, 2008, p. 224).

Em nota à edição desta crônica, John Gledson informa que ao pesquisar o Jornal *Gazeta de Notícias* (no qual o texto foi publicado), encontrara a seguinte reportagem, publicada dois dias antes, o que significa que certamente foi lida pelo escritor Machado de Assis:

Já começou a resistência da população à organização do Registro Civil. Na freguesia de Santo Antônio dos Coqueiros, município de Guanhões, Minas, tendo a povoação notícia de que foram entregues ao escrivão interino do subdelegado os livros para o registro dos nascimentos, casamentos e óbitos, amotinou-se e com um grupo de mulheres à frente assaltou a casa do escrivão e apesar de sua resistência arrebataram e rasgaram os livros. Julgue-se por esse fato o estado de adiantamento do interior do país (2008, p. 225).

Também aparece na crônica outra marca comum de heterogeneidade expressa pelo discurso indireto. Ao avaliar o “ajustamento” das leis

³ Sem nos atermos em maiores detalhes à manifestação da alteridade por meio do uso de itálico em palavras estrangeiras, apenas mencionaremos as expressões, algumas já citadas: *pied-à-terre, ergo bibamus, sanitas sanitatum et omnia sanitas e tout finit par des chansons/tout finit par des polcas, tango*.

com relação ao caso do registro civil e ao caso do sorteio militar – expressão de uso ambíguo e polissêmico, já que no contexto pode referir-se à noção de “justiça” e/ou de “ajuste” –, o narrador estrategicamente amplia a noção dúbia de “justiça *versus* ajustamento” ao tema da febre amarela e encerra o parágrafo ilustrando e dramatizando seu argumento com o exemplo do chapeleiro. O fragmento é extenso, mas elucidativo:

O ato é condenável, por ser motim e por opor-se à execução da lei; mas há quem receie que, ainda sem bulha nem matinada a lei caia em desuso, não por injusta, mas por não ajustada. Também o sorteio militar é lei justíssima, e não pode ser cumprida. Não sei se este caso é como o da febre amarela, cuja origem se ignora. Opinião de chapeleiro não há de deixar de ser modesta; afirma-me um, que nunca vendeu chapéu senão bem ajustado à cabeça do freguês. Pode ser gabolice; pode até não ser opinião (ASSIS, 2008, p. 224).

Procedendo da mesma forma que no parágrafo anterior, em que entrelaça os assuntos tratados ao tema da música dramatizando-os, também aqui o faz utilizando-se da dupla semântica “justiça X ajustamento” para produzir uma coesão estética, que tem a função última de tornar o argumento mais coerente e, portanto, crível. Assim, todos os assuntos alencados, por mais variados que sejam, são perpassados por essa noção. A opinião do chapeleiro sintetiza e figurativiza sua tese implícita que poderia ser formulada nos seguintes termos: a cada um convém o que melhor lhe serve ou, ainda, cada qual recebe o que merece. A relação com a febre amarela é, naturalmente, relativizada, por soar intransigente e impiedosa: “Não sei se este caso é como o da febre amarela”, apesar de que, como afirma o narrador anteriormente, “na pior das hipóteses, morre-se” (ASSIS, 2008, p. 224).

Como última consideração a ser feita a respeito das formas de heterogeneidade presentes, vale destacar o distanciamento enunciativo do narrador, tornando-se o Outro de si mesmo. O recurso predominantemente utilizado é o metadiscorso, mas também emprega o uso da terceira pessoa para falar de si mesmo, em um claro desdobramento da voz que enuncia.

No início da crônica, toma uma de suas frases e a classifica, em tom de autoelogio, como um verso decassílabo espontâneo, avalia, ainda, que não lhe sobra tempo para transpô-la em prosa, deixando-a como está. Authier-Revuz esclarece que, por meio de recursos como o comentário sobre o próprio dito e as diversas formas de conotação autonímica, a “figura normal de usuário das palavras é desdobrada, momentaneamente, em uma *outra figura*, a do observador das palavras utilizadas; e o fragmento assim designado... recebe, em relação ao resto do discurso, um *estatuto outro*”. (2004, p. 13)

Diante dos argumentos que apresenta a respeito da “justeza” e “ajustamento” das leis naturais (a febre) e humanas (o registro e o sorteio), o narrador prevê os contra-argumentos da voz autorizada de algum especialista em “legislação científica”, trazendo-a para o texto, dramatizando-a com o fim de estabelecer um diálogo: “Outros quebram-me a cabeça com legislação científica, e misturam tudo com expressões arrepiadas.” (ASSIS, 2008, p. 224)

Neste último fragmento, o narrador também se serve da flexibilidade da categoria de pessoa para realizar, em um átimo de tempo, um distanciamento autorreflexivo, duplicando a instância enunciativa: “Para um homem que [como eu] só está bem no meio de torrões de açúcar, é o mesmo que mandá-lo embora”. Conclui então, assumindo e retornando à fonte enunciativa: “Vou-me embora”; e se despede com seu habitual “Boas Noites.” (ASSIS, 2008, p. 224).

5. HETEROGENEIDADE COMO RECURSO RETÓRICO-POÉTICO

Sem nos determos mais, esperamos ter demonstrado que, em função do gênero acionado pelo sujeito no ato comunicativo, o emprego da heterogeneidade enunciativa pode atender a propósitos estratégicos e conscientes com o objetivo último de gerar efeitos pretendidos no interlocutor. Entendemos que, o mesmo dispositivo genérico que impõe restrições ao comportamento linguístico dos falantes, também oferece margem para a manipulação criativa dos seus elementos constituintes em função da finalidade maior.

Por fim, pensamos que a associação teórica e metodológica direta entre heterogeneidade enunciativa e formação discursiva não atende nem explica completamente as inúmeras ocorrências deste fenômeno discursivo, especialmente no que diz respeito aos gêneros composicionalmente mais flexíveis e propícios à inventividade dos sujeitos. Lembrando e subvertendo a célebre definição bakhtiniana, seriam, estes, gêneros mais *relativamente* do que *estáveis*.

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o papel da inscrição da alteridade em um gênero específico com propósitos retórico-poéticos. A intenção é analisar o potencial argumentativo

e estético de recursos como a citação, a intertextualidade, o provérbio, o metadiscorso, o uso de aspas, o itálico etc., em um gênero de natureza essencialmente criativa como a crônica jornalística. O trabalho será orientado pelos postulados da Análise do Discurso, especialmente pelos estudos de Maingueneau (1997, 2008), além dos estudos de Authier-Revuz (1990, 2004), Bakhtin (1997) e pela abordagem sociorretórica de gêneros de Swales e Bhatia. Para ilustrar esta reflexão, tomaremos como objeto de análise uma crônica jornalística de Machado de Assis.

Palavras-chave: Heterogeneidade enunciativa; gênero discursivo; análise do discurso.

ABSTRACT

This paper's aim is to discuss the role of the inscription of otherness in a specific genre with rhetorical-poetic purposes. The intention is to analyze the argumentative potential and aesthetic resources such as citation, intertextuality, the proverb, the metadiscourse, the use of quotation marks, italics, etc. in one essentially natural creative genre such as journalistic chronicles. The work will be guided by the postulates of discourse analysis, especially by Maingueneau (1997, 2008), in addition to Authier-Revuz (1990, 2004), Bakhtin (1997), and by a socio-rhetoric approach of genres to Swales and Bhatia. To illustrate this reflection, we shall analyze Machado de Assis' journalistic chronicle.

Keywords: Enunciative heterogeneity; speech genre; discourse analysis.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Crônica de 19 de maio de 1888. In: *Bons Dias!*. 3 ed. Introdução e notas: John Gledson. São Paulo: Hucitec; Campinas: Ed. da UNICAMP, 2008, p. 223-225.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos de Linguagem*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre, 2004.
- BENVENISTE, Èmile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1979.
- _____. *Problemas de poética de Dostoiévski*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Gêneros e seqüências textuais*. Recife: EDUPE, 2009.

BHATHIA, Vijay K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da música*. São Paulo: Editora 34, 2004.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

ECLESIASTES. In: BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 39. reimp. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977, Cap. 1, vers. 2, p. 638.

LACERDA, Roberto Cortez de; LACERDA, Helena da Rosa Cortez. *Dicionário de provérbios: francês, português, inglês*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. v. 4, n. 6, mar. 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 27 de set. de 2009.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Submetido em: 31/10/2009

Aceito em: 25/03/2010

ANEXO

Gazeta de Notícias – Rio de Janeiro

BONS DIAS

26 de janeiro de 1889

Sanitas sanitatum et omnia sanitas. Gracioso, não? É meu; quero dizer, é meu no sentido de ser de outro. Achei esta paródia de Eclesiastes em artigo de crítica de uma folha londrina. Já vêem que não são só os queijos daquela naturalidade que merecem os nossos amores; também as folhas, e principalmente as que escrevem com sabor e graça.

A parte minha nesse negócio é aplicar melhor a frase, porque lá só trata de um livro, e cá tratamos da cidade inteira. Creio que saiu-me um verso decassílabo: “e cá tratamos da cidade inteira”. Não me sobra tempo para transpô-la a prosa. Repito o que disse, e acrescento que já alguém afirmou que citar a propósito um texto alheio equivale a tê-lo inventado. Creio que é tolice; mas fiado nela, é que ousei dizer no princípio que a paródia era minha: Sanitas sanitatum et omnia sanitas.

Com efeito, não se fala de outra coisa. Tudo quer, tudo pede, tudo deseja a saúde, ou pelo menos, a ausência de febre amarela. Esta velha dama, que estabeleceu aqui um pied-à-terre, não se esquece de nós inteiramente; há anos em que traz toda a criadagem, e estabelece-se por uma estação e mais. Não é bonita, nem graciosa, nem se sabe quem seja, conforme dizem os abalizados. Eu creio, no tocante à genealogia, que é neta em quadragésimo grau do famoso Gargantua. Come que é o diabo, e dá muito de comer à empresa funerária, a qual, devendo detestá-la, pelo lado humano, não pode desadorá-la por outro lado, não menos humano.

Há dessas lutas terríveis na alma do homem. Não; ninguém sabe o que se passa no interior de um sobrinho, tendo de chorar a

morte de um tio e receber-lhe a herança. Oh! contraste maldito! oh! oh! dilacerção moral! Aparentemente tudo se recomporia, desistindo o sobrinho do dinheiro herdado; ah!! Mas então seria chorar duas coisas: o tio e o dinheiro.

Seja ela (a febre) o que for, é certo que, assim como em França tout finit par des chansons, cá em nossa terra tout finit par des polcas. Os bailes não se adiam, e fazem bem. Na pior das hipóteses, morre-se; mas antes ir para a cova ao som de um tango, como os vizinhos da matriz de São José, que sem música nenhuma. Ergo bibamus!

O pior é a formalidade do registro civil. Lá pelo interior parece que não o querem, pois que centenas de homens e mulheres, em várias localidades, têm pegado no pau, avançado para os escrivães, arrancado os livros do registro que são rasgados depois em praça pública. O ato é condenável, por ser motim e por opor-se à execução da lei; mas há quem receie que, ainda sem bulha nem matizada a lei caia em desuso, não por injusta, mas por não ajustada. Também o sorteio militar é lei justíssima, e não pode ser cumprida. Não sei se este caso é como o da febre amarela, cuja origem se ignora. Opinião de chapeleiro não há de deixar de ser modesta; afirma-me um, que nunca vendeu chapéu senão bem ajustado à cabeça do freguês. Pode ser gabolice; pode até não ser opinião.

Outros quebram-me a cabeça com legislação científica, e misturam tudo com expressões arrepiadas. Para um homem que só está bem no meio de torrões de açúcar, é o mesmo que mandá-lo embora. Vou-me embora.

Boas Noites.